

Eclesiologia contemporânea: a Igreja em transformação

Sem dúvida estamos vivendo uma profunda mudança de época, embora sentida diversamente pelas várias gerações. A Igreja, enquanto instituição inserida na sociedade e voltada para a missão evangelizadora nesta sociedade, não pôde deixar de ser atingida e questionada por esta ampla transformação sociocultural. Vivemos um momento crítico de uma evolução que determinou o fim da época de cristandade na qual a fé cristã determinava fortemente a cosmovisão, os valores e as condutas de nossos antepassados. A atual sociedade pluralista recusa esta hegemonia cristã, seculariza setores da sociedade e enfraquece a pastoral tradicional da Igreja.

Devido ao diferente impacto desta transformação nas várias regiões do planeta, também será diferente a reação correspondente por parte da própria Igreja. Fortemente experimentado em países do hemisfério norte, sobretudo na Europa, e atestado pela diminuição numérica de católicos, atinge menos os países do hemisfério sul, embora já presente em menor escala em grupos sociais mais críticos. A história nos ensina que a Igreja sempre muda em sua configuração para fazer frente às transformações da sociedade. Período difícil que desinstala muitos de seus hábitos familiares, de suas concepções religiosas, de suas práticas devocionais, gerando insegurança e até mesmo angústia por não compreenderem devidamente que se trata de renovar compreensões, linguagens e atividades mais condizentes com o novo horizonte sociocultural. O Concílio Vaticano II significou um passo importante nesta renovação eclesial, embora sua enorme e significativa riqueza ainda seja desconhecida por muitos na Igreja.

A atual reforma empreendida pelo Papa Francisco procura tornar realidade a eclesiologia já presente neste Concílio, como a colegialidade e a descentralização eclesial, ou como a participação ativa do laicato na missão evangelizadora, apenas para citar dois exemplos. Mas há algo novo no atual esforço reformador deste papa. Sem dúvida alguma, os objetivos do Concílio Vaticano II são mantidos. Sem dúvida alguma o desafio premente de uma nova



sociedade continua vigente. A novidade me parece estar na repercussão eclesiológica provocada pela pessoa de Jesus Cristo. A eclesiologia do Concílio de Calcedônia refletiu a cristologia a partir de questões de cunho eclesiológico: como anunciar o Messias numa cultura marcada pelo pensamento grego expresso em categorias ontológicas? Chegou-se a um resultado feliz, que permanecerá por séculos, mas relegando a segundo plano a história de Jesus de Nazaré, sendo que nesta história é que acontece a revelação de Deus.

Com outras palavras, a comunidade dos seguidores de Cristo deve não somente assumir o estilo de vida do Mestre de Nazaré, mas também organizar-se e estruturar na fidelidade a sua simplicidade, pobreza, humildade e espírito de serviço, como vem claramente afirmado no Concílio Vaticano II (LG 8). Somente a partir desta afirmação podemos compreender a atual reforma empreendida pelo Papa Francisco em continuidade com o Vaticano II e seus antecessores na sede apostólica. Certamente se trata de uma renovação da Igreja que exigirá muitos anos, como já se deu com as reformas de Gregório Magno ou do Concílio de Trento. Mas já despontam algumas de suas características principais.

Conseqüentemente, tanto por pressão da sociedade pluralista quanto pelo exemplo de Jesus Cristo, deverá emergir no futuro uma Igreja mais simples, mais pobre, desprovida de poder e de prestígio social, apoiando-se mais na fé confiante em Deus Pai que a acompanha e sustenta através de seu Espírito Santo, e mais livre e distante dos poderosos deste mundo que com seu teor de vida a mundanizam e debilitam sua força mística. Essa maior simplicidade redundará no advento de comunidades cristãs com maior participação de todos os seus membros, todos eles investidos da missão de proclamar e promover o Reino de Deus, participação ativa, consciente e fraterna, no respeito à comunidade e a seus dirigentes.

Devido à avalanche de discursos e a inflação de informações duvidosas que nos atingem, a irradiação da fé cristã se efetuará menos por palavras e celebrações, embora necessárias, e mais pela vivência cristã de seus membros, numa palavra, pelo testemunho de vida dos próprios cristãos, levando a luz e a verdade de Jesus Cristo a uma sociedade imersa na dúvida, na ausência de sentido, na carência de valores substantivos e dignos de estruturarem uma

existência humana. Sem omitir as expressões da fé de cunho doutrinal, sacramental, ético ou comunitário, a ênfase será posta na vivência real da fé cristã. Com isto haverá uma maior interação entre fé e vida que pode ocasionar uma diminuição dos católicos de cunho mais cultural, ainda presentes na Igreja. Por outro lado, haverá sempre, por parte de alguns, a nostalgia da Igreja triunfante da cristandade, o desejo da volta de práticas religiosas tradicionais, ou o retorno de uma Igreja com alto prestígio na sociedade.

Não será fácil ser cristão na sociedade do futuro. A própria fé em Deus sentirá a resistência de uma sociedade indiferente à dimensão transcendente presente no ser humano. A estrutura de plausibilidade para a fé, tão importante no passado, terá desaparecido. A emergência do componente místico da fé, afinal obra do Espírito Santo, deverá ser fortalecida, remediando o silêncio da pastoral tradicional e promovendo uma pastoral realmente mistagógica. Permanece válida a afirmação de Karl Rahner: o cristão do futuro, ou será um místico, ou não mais será cristão.

Sem a menor pretensão de sermos completos, elencamos algumas características que poderão e deverão tornar-se realidade na Igreja em reforma. Os demais textos deste número oferecerão novos *insights* e novas questões concernentes à Igreja na atualidade.

Mário de França Miranda

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Possui graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira (1962), mestrado em Teologia pela Faculdade de Teologia da Universidade de Innsbruck (1968) e doutorado em Teologia pela Universidade Gregoriana (1974). Atualmente é Professor associado da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Membro de corpo editorial da *Atualidade Teológica* (PUCRJ), Membro de corpo editorial da *REB. Revista Eclesiástica Brasileira*, Membro de corpo editorial da *Cuestiones Teológicas*, Membro de corpo editorial da *Revista Teología*, Membro de corpo editorial da *Stromata* (ARGENTINA), Membro de corpo editorial da *Anales de Teologia* (CHILE) e Membro de corpo editorial do *Teocomunicação* (PUCRS. Impresso). Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia Sistemática. Atuando principalmente nos seguintes temas: Teologia Trinitária, Teologia transcendental, Revelação, Salvação cristã.